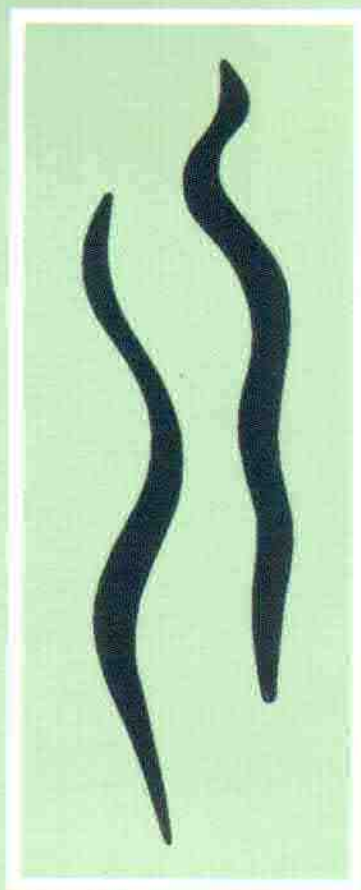


# SEXUALIDADE



Conversando a  
Gente se Entende

 **Católicas**  
pelo Direito de Decidir



SEXUALIDADE

Conversando a  
Gente se Entende



Sexualidade  
Conversando a Gente se Entende

Marilda de Oliveira Lemos

Esta publicação foi possível graças aos apoios de:  
CFC - Catholics for Choice  
Foundation Bergstroms



Rua Martiniano de Carvalho, 71, casa 11  
01321-001 Bela Vista - São Paulo - SP  
tel/fax(11) 3541-3476  
e-mail: cddbr@uol.com.br  
www.catolicas.org.br  
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lemos, Marilda de Oliveira.  
Sexualidade : conversando a gente se entende /  
Marilda de Oliveira Lemos. -- 3. ed. -- São  
Paulo : Maxprint, 2013.

1. Igreja Católica - Trabalho com mulheres 2.  
Sexualidade - Aspectos religiosos - Cristianismo  
3. Teologia moral I. Título.

13-82763

CDD-241

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Guias de vida cristã :  
Cristianismo e sexualidade : Teologia mora  
241

São Paulo  
1ª edição, 2000  
2ª Edição, 2003  
3ª. Edição, 2013  
Revisada (2.000 exemplares)

**Impressão e Acabamento**  
Grupo Maxprint  
maxprint@graficamaxprint.com.br  
(11) 4815-4331

# Introdução

Na cultura ocidental, em muitas oportunidades, a sexualidade é tratada e apresentada como mercadoria que pode ser desapropriada e usada para produzir lucro.

Do mesmo modo, a Igreja Católica, tem resistência em reconhecer a legitimidade e a bondade do prazer, razão pela qual, projeta uma visão negativa e preconceituosa do corpo, da sexualidade, da liberdade humana.

Tal forma de tratar e conceber a sexualidade faz com que em vez de experiências gratificantes e realizadoras, em muitos casos, se tornem fontes de sofrimento e frustração, especialmente para as mulheres e, ainda mais, para as mulheres pobres.

Este sofrimento se torna ainda maior quando é ocultado no isolamento, no silêncio, na vergonha, na consciência pesada de mulheres desinformadas.

Com a Cartilha “Sexualidade, conversando a gente se entende”, CDD oferece uma ferramenta que auxilie educadoras populares e líderes de comunidade na sua tarefa formadora, no seu trabalho com grupos de mulheres.

A Cartilha está elaborada com uma clara preocupação pedagógica. Divide-se em seis capítulos, nos quais se abordam diferentes e importantes dimensões da sexualidade. Ao início de cada um dos capítulos se propõem uns objetivos, seguidos de exercícios ou dinâmicas que possam facilitar a participação. Posteriormente, com o objetivo de ampliar o horizonte e a formação das mulheres, introduzimos algumas informações sobre o tema a ser abordado. As informações tratam de relacionar experiências e reflexões de mulheres, o pensamento religioso encontrado na Bíblia e também a doutrina da Igreja Católica.

Os aspetos ou temas aqui abordados podem ser complementados com outros subsídios publicados por CDD. Entre eles, pode ser muito útil o uso das Cartilhas: “Aborto, conversando a gente se entende”, “Maternidade, conversando a gente se entende”; o vídeo: “A decisão de Rita” e os programas de rádio sobre sexualidade.

Por trás desta Cartilha está a longa rica experiência do trabalho de Marilda com mulheres populares da zona leste, em São Paulo, a quem agradecemos a colaboração.

# Sumário

1. Soltando as amarras .....	09
2. Sem medo de ser feliz .....	15
3. Nossa vida em plenitude .....	19
4. O conflito de viver a sexualidade em plenitude .....	24
5. O sagrado direito de decidir .....	28
6. Diferentes formas de ser, viver e amar. . . . .	33
7. Bibliografia .....	37





# 1º Encontro: Soltando as Amarras

*Tempo rei,  
Oh! Tempo rei, oh! Tempo rei  
Transformai as velhas formas do viver!  
("Tempo Rei" - Gilberto Gil)*

## Objetivo do encontro

- Despertar o espírito crítico a respeito do que o senso comum fala sobre as mulheres.
- Mostrar a influência do ensinamento da Igreja na educação das mulheres e homens.
- Desnaturalizar a hierarquização entre mulheres e homens.
- Proporcionar à mulher um olhar para si mesma, confrontando com os preconceitos introjetados.

1. **Apresentação das participantes**  
(nome, de que gosta mais e um desejo que quer realizar).
2. **Dinâmica de entrosamento**  
Fazer exercício de respiração profunda levando o ar até o abdômen por alguns instantes. Em seguida massagear o próprio corpo com a mão em forma de concha. Massagear todas as partes que conseguir. Espreguiçar-se gostosamente.
3. **A coordenadora entrega uma folha de papel**  
Para cada participante completar individualmente as frases iniciadas.

**Material necessário:**

- Sala com cadeiras suficientes
- Papel e canetas

**Completar:**

1. As mulheres são \_\_\_\_\_
2. Mulher é muito \_\_\_\_\_
3. Homem pode \_\_\_\_\_
4. Quando uma mulher \_\_\_\_\_
5. Mulher que \_\_\_\_\_
6. Mulher não pode \_\_\_\_\_
7. Mulher tem que \_\_\_\_\_
8. Todo homem \_\_\_\_\_
9. Os homens são \_\_\_\_\_
10. Tem homem que só \_\_\_\_\_
11. Mulher casada \_\_\_\_\_
12. Se os homens \_\_\_\_\_

#### **4. Em seguida as participantes vão dizendo como completaram as frases.**

A partir do conteúdo trazido pelo grupo, a coordenadora faz o comentário se estamos ou não convencidas das coisas que foram escritas (o grupo pode trazer conteúdo que revele consciência crítica ou não).

#### **Conversa com as mulheres**

Quantas coisas estão registradas dentro da gente a respeito dos papéis de mulheres e de homens na sociedade, não é mesmo? Estamos convencidas dessas coisas? Concordamos com tudo isso? Essas falas são nossas, vêm de dentro de nós e nos satisfazem ou são falas de outras pessoas e nos incomodam?

#### **Nossa experiência**

Que experiência tivemos durante nossas vidas? Trabalhamos, enfrentamos doenças, problemas variados, parimos, criamos filhos, decidimos... Experimentamos que somos fortes, resistentes aos embates da vida. Experimentamos que naturalmente não somos fracas. O que então faz com que tenhamos um sentimento de inferioridade, atitude de submissão e dependência em relação ao homem? É possível que isso tenha acontecido e ainda aconteça por imposição da cultura. Vamos lembrar como foi nossa educação.

Todas nós fomos educadas de forma mais ou menos parecida: quando meninas brincávamos de “boneca”, de “casinha”, assim estávamos sendo preparadas para sermos mães, esposas e donas de casa. Tínhamos que ser delicadas, sensíveis, sentimentais, sentar de pernas fechadas, ter bom comportamento. Quando moças, deveríamos usar roupas “decentes” para não despertar o apetite sexual dos rapazes. Não era assim? Os meninos, ao contrário, tinham brincadeiras mais agressivas, brincavam na rua, vestiam pouca roupa. Foram preparados para serem corajosos, fisicamente fortes, racionais, não demonstrarem seus sentimentos e, portanto, não chorarem.

Para as mulheres foi reservado o espaço da casa, o ambiente doméstico, privado. Para o homem foi reservado o espaço público, a rua, o mundo do trabalho. Fomos introjetando esse comportamento através das brincadeiras,

do relacionamento familiar, da escola e da religião. Não foi assim? Isso nos fez acreditar que ser dessa forma era natural.

#### Ensino da Igreja

Se olharmos um pouquinho a história, veremos que, em determinado momento alguns padres da Igreja chegaram a pensar que a mulher era uma “mistura inferior” do homem, de pior qualidade. Ela era mais propensa ao pecado, tinha pouca tendência à espiritualidade; isso a tornava um ser defeituoso e por causa da sua condição de pecadora, deveria ser subordinada ao homem. A mulher só passou a fazer parte da perfeição geral da natureza por causa do seu papel na procriação.

Para Santo Agostinho, a mulher sozinha não é imagem de Deus, mas somente quando está unida a seu marido. Ao contrário, o homem, mesmo sozinho é imagem plena e completa de Deus. (De Trinitate, 7,7,10.). Portanto, somente o homem possui a imagem de Deus de modo normativo.

Outras Igrejas cristãs não católicas tinham semelhante pensamento. A tradição luterana, por exemplo, reforça que Eva mereceu o castigo da subjugação por causa de sua pecaminosidade.

O calvinismo diz que a mulher é subordinada ao homem, não porque ele seja superior e ela seja inferior, mas porque Deus ordenou essa hierarquia, necessária para que haja boa ordem na sociedade. Qualquer esforço de mudar essa ordem e dar à mulher igualdade com o homem seria em si uma rebelião pecaminosa contra as ordenações da criação e redenção decretadas por Deus.

A crença na inferioridade da mulher, de alguma forma, ainda continua. Até há pouco tempo a bênção nupcial recomendava orações pela esposa, em virtude de sua fraqueza natural, necessitando, assim, de ajuda especial para fortalecer sua pureza e fidelidade. Ao homem, no entanto, não era atribuído nenhum sinal de fraqueza. A mulher não pode assumir trabalho fora do lar para não descuidar da educação dos filhos e dos deveres que lhe são próprios. (Encíclica “Quadragesimo Anno” - de Pio XI - 1931). A natureza da mulher é dedicar-se ao serviço doméstico para garantir a fidelidade e a prosperidade da família (Encíclica “Rerum

Novarum”- de Leão XIII -1891).

Mas já há algum tempo a Igreja vem reconhecendo que a mulher não suporta ser tratada como objeto, reivindica direitos tanto no espaço privado quanto público (Encíclica “Pacem in Terris”- de João XXIII - 1963) e que a mulher adquire influência e poder no mundo (Carta Apostólica “A Dignidade e a Vocação da Mulher”-1988 - João Paulo II -1988). Mas é uma pena que dentro da Igreja a mulher ainda esteja destinada a ser agente passivo, cabendo-lhe receber sacramentos e bênçãos, não podendo receber o sacramento da Ordem (Carta Apostólica sobre a Ordenação Sacerdotal reservada somente aos Homens).

### **Experiência bíblica**

Se dermos uma olhada na experiência bíblica, encontraremos mulheres que transgrediram os padrões impostos pela sociedade do seu tempo. Exemplo disso é Vasti (Est 1,9-22). Vasti era rainha, esposa do rei Assuero, da Pérsia. Durante um jantar que o rei oferecia para seus oficiais, chefes do exército e governadores de províncias, ele exigiu que ela exibisse sua beleza para ser admirada pelos convidados.

Vasti ousou desobedecer e continuou envolvida com um grupo de mulheres a quem ela oferecia um jantar. Ela recusou ser objeto de admiração.

Sua insubordinação gerou um conflito. Segundo a corte, Vasti não agiu mal apenas contra o rei, mas contra todos os homens. Sua conduta poderia desencadear um processo de insubordinação das mulheres contra seus maridos.

Assuero, aconselhado pelos sábios e especialistas em leis, destituiu Vasti do título de rainha e tornou pública sua decisão, para que a autoridade do homem não fosse ameaçada.

Outro exemplo de mulher que transgrediu a ordem estabelecida e mostrou não ser natural a submissão e a inferioridade da mulher é o de Sór Juana Inés de la Cruz. Ela está mais próxima de nosso tempo. Viveu no México, no século XVII. Como toda mulher daquela época, tinha dois caminhos: o casamento ou o convento. A opção do casamento seria a morte de seu projeto intelectual. Teria que entregar sua vontade a um dono e aos afazeres domésticos. O convento também tinha seus inconvenientes, mas foi o caminho

encontrado por ela para poder estudar, aprender, “saber”. Sór Juana estudou teologia e outras ciências, tinha uma biblioteca em seu quarto e um posicionamento muito definido quanto à situação de discriminação da mulher. Ganhou muitos inimigos por ter ousado ocupar um lugar reservado apenas aos homens.

*Essas experiências nos revelam que as diferenças entre mulheres e homens não devem se transformar em desigualdades. As desigualdades não são naturais, a superioridade do homem sobre a mulher é uma construção social. Isso quer dizer que numa sociedade em que os homens detêm o poder não há interesse em reconhecer o poder da mulher.*

### **O que deve ficar desse encontro?**

- Existiram mulheres que romperam as amarras da educação recebida para realizarem seu projeto de vida.
- É possível ousar ser diferente, tendo o cuidado de educar os filhos também de forma diferente.
- A desigualdade entre mulheres e homens não é natural nem querida por Deus.

## **2º ENCONTRO: SEM MEDO DE SER FELIZ**

*“Viver,  
e não ter a vergonha de ser feliz!”  
("O que é o que é" - Gonzaguinha)*

### **Objetivo do encontro**

- Refletir sobre o corpo.
- Perceber os tabus que envolvem o assunto.
- Romper com esses tabus.

1. **Apresentação das participantes do grupo** (se for necessário)
2. **Dinâmica de entrosamento**  
Fazer exercício de respiração como no encontro anterior. Caminhar pela sala dando-se conta do movimento do próprio corpo. Espreguiçar-se e voltar ao seu lugar.
3. **Recordar a discussão do encontro anterior**
4. **Distribuir uma folha de papel em branco e canetas** para cada participante  
Cada participante deverá escrever ou desenhar.

- de um lado da folha a parte do seu corpo de que mais gosta
  - de outro lado da folha a parte do seu corpo de que menos gosta
- Esse papel deverá ser guardado por enquanto.

Uma participante do grupo se dispõe a deitar-se no chão sobre uma folha de papel e todas as participantes deverão contornar seu corpo com um pincel atômico que vai passando de uma para outra.

Depois do contorno feito deverão desenhar os órgãos

A coordenadora deverá fazer os comentários sobre as partes do corpo que estão com mais detalhes, mais completas e as partes que estão mais incompletas ou ausentes.

A coordenadora pede que cada participante diga qual a parte do seu corpo de que mais gosta (e se for necessário, falar a parte de que menos gosta).

A coordenadora deverá fazer a relação do desenho com o que é dito pelas participantes e fazer uma conclusão (conversa com as mulheres).

#### **Material necessário:**

- Sala e cadeiras para as participantes
- Papel manilha
- Pincel atômico
- Papel sulfite
- Canetas hidrográficas
- Massa de modelar
- Restos de lã amarela, branca e preta
- Cola branca



## 5. Conversa com as mulheres

Falar sobre nosso corpo costuma ser um pouco complicado, não estamos habituadas.

Quando nos damos conta de nosso corpo? Quando ele adocece, quando está cansado, quando tomamos banho, não é assim? Que fazemos quando ele sente desejo ou quando pede repouso? Parece ser mais fácil estarmos atentas aos corpos de nossos filhos, companheiros ou outras pessoas.

Nosso corpo é muito importante e sabemos disso. Só que a experiência diz que não nos relacionamos igualmente com todas as partes do nosso corpo. Parece que algumas partes são mais importantes que outras. É só repararmos o exercício que fizemos agora há pouco.

Conheço uma senhora viúva que fora casada durante oito anos e relatou ao grupo que nunca havia tido uma relação sexual com seu marido com a luz acesa. Ela nunca permitiu isso, embora o marido tivesse insistido durante toda a sua vida. Tomarem banho juntos, nem pensar, ela tinha vergonha que seu marido a visse nua. Outra mulher confessou que tinha vergonha de estender calcinhas no varal. Costumava pendurar três ou quatro peças juntas para que ninguém, olhando, pudesse identificar que peças eram. Hoje ela estende as calcinhas no varal, uma por uma, por inteiro, de modo que qualquer pessoa que olhe reconheça que são calcinhas. Não estamos aqui para julgá-las mas para perguntar por que elas agiam desse modo? Será que outras mulheres têm comportamentos semelhantes a esses? O que fez com que elas tivessem vergonha do seu próprio corpo?

Talvez seja herança de uma educação repressora que dizia que a mulher seduz o homem e o conduz ao pecado; que sexo é só para a reprodução, que algumas partes do corpo são feias.

Esses e outros pensamentos se baseiam num modo machista de ler e entender a Bíblia e foram-nos ditos desde pequenas. Acabamos acreditando que era verdade. Isso fez com que escondêssemos e tivéssemos vergonha da beleza de nosso corpo. Impediu-nos de nos relacionar com o outro sexo de forma mais espontânea e prazerosa. Criou em nós a sensação de que nossos corpos não eram nossos, mais de propriedade de nossos maridos, companheiros, namorados... e que deveríamos reprimi-los ou submetê-los à vontade destes.

Essa visão pessimista sobre o corpo e sobre o sexo não é

característica do Judaísmo nem dos ensinamentos de Jesus. Ela é sim, característica do pensamento grego antigo, quando a mensagem de Jesus começou a ser pregada entre os gregos. Naquele tempo, a influência do mundo grego era muito grande e o cristianismo não conseguiu escapar à sua mentalidade. Por isso a moral cristã tornou-se tão repressora em relação ao corpo e à sexualidade. O valor se concentrava na castidade e na virgindade.

### **O que é mesmo nosso corpo?**

Nosso corpo somos nós mesmas, nós somos corpo. Ele nos configura e nos define, nos faz aparecer frente à realidade, frente aos outros, frente a nós mesmas, nos faz sair ao encontro do mundo.

O corpo é nosso espaço, nosso limite, nossa grande possibilidade de expressar o mistério.

Nosso corpo é consciência de nossa finitude. Mas é também consciência da nossa transcendência, quando, através de uma carícia em outro corpo, tocamos sua alma, que parecia inalcançável.

O corpo humano não pode ser manipulado ou tratado como as outras coisas. Não podemos ser indiferentes ao corpo como o somos frente a outras coisas, porque o corpo é nossa presença. As coisas estão aí, simplesmente, mas nosso corpo somos nós, é nossa história, nossos sentimentos. No olhar, na palavra, no gesto, no toque, na ação, somos nós que estamos em pessoa. Nosso corpo se torna expressão de nossa interioridade. O corpo é espaço de vida.

Se buscarmos na Bíblia uma experiência boa, feliz, agradável, relacionada ao corpo, encontraremos o livro do Cântico dos Cânticos. Esse livro tem uma linguagem acentuadamente erótica. Nele, o corpo é o espaço do amor, é lugar da bênção, da entrega e da profunda experiência de Deus. É a nova mediação do humano com o divino.

### **O que deve ficar desse encontro?**

- Conhecimento do nosso corpo para tomar posse dele.
- Atenção para que ninguém se aproprie dele e decida sobre ele.
- Desejo de perceber o corpo como espaço de experiência de Deus.

## 3º ENCONTRO: NOSSA VIDA EM PLENITUDE

*“Que venha de dentro de mim  
Ou de onde vier  
Com toda malícia e segredos  
Que eu não souber  
Que venha o cio das corsas  
E livre com todas as forças  
Conquiste o direito de ser  
Uma nova mulher”.*  
(*“Uma Nova Mulher” - Simone*)

### **Objetivo do encontro**

- Ampliar a compreensão de sexualidade.
- Mostrar que é possível viver bem a sexualidade integrada com a vivência da religião.

1. **Apresentação das participantes do grupo** (se for o caso)
2. **Dinâmica de entrosamento**  
Dois círculos, um dentro do outro e cada participante deverá massagear as costas da pessoa que está à sua frente, depois trocam. A massagem é feita com a mão fechada em forma de concha.
3. **Recordar o encontro anterior.**
4. **Distribuir entre as participantes** (individualmente, em dupla ou em pequenos grupos) cartelas com as seguintes palavras:

- Amor
- Prazer
- Fácil
- Difícil
- Bom
- Alegria
- Medo
- Pecado (e outras que achar conveniente)

A coordenadora do grupo fica com a cartela que tem a palavra sexualidade.

Cada palavra das cartelas distribuídas deve ser relacionada com a palavra SEXUALIDADE

Depois que cada pequeno grupo discutiu a relação das palavras recebidas com a palavra sexualidade leva-se a discussão ao plenário.

No final a coordenadora faz uma conversa com as mulheres (amarração).

#### **Material necessário:**

- Sala com cadeiras suficientes
- Cartelas



## 5. Conversa com as mulheres

Da mesma forma como não estamos habituadas a falar sobre nosso corpo, também não estamos acostumadas a conversar sobre sexualidade. Se formos procurar no dicionário encontraremos que sexualidade “é um conjunto dos fenômenos da vida sexual”. Mas isso não diz tudo.

Sexualidade é uma força que tem suas raízes nos mecanismos biológicos, mas também penetra os níveis psíquicos e afetivos da pessoa. Funciona como uma decisão livre da pessoa que a vivência e, também, pode advir de forças ocultas e inconscientes das quais nem sempre se tem conhecimento imediato. Ela se configura para um determinado projeto, pela opção de cada indivíduo, e permanece, por sua vez, condicionada pelo ambiente sociocultural que impõe, com força, suas pautas e mensagens. Utiliza a linguagem do amor e da ternura e por outro lado, também desencadeia agressividades mais profundas.

O quê, mesmo, quer dizer tudo isso? Sexualidade é uma energia que está em nós. Melhor dizendo, somos essa energia que nos põe em relação, que nos abre para o amor e para a ternura, para a busca da felicidade e do prazer, porém não é apenas um conjunto de estímulos biológicos, mas uma elaboração social que age dentro dos campos de poder e se torna norma através da influência do contexto sócio-político em que está inserida.

Viver bem nossa sexualidade nos ajuda a viver em plenitude.

Mas, por que será que muitas vezes temos uma idéia negativa da sexualidade como se tudo o que se refere a ela fosse pecado? Por que, quase sempre, a vivência de nossa sexualidade nos traz culpa?

Boa parte das mulheres cristãs vivem em conflito com sua sexualidade por serem herdeiras de uma visão distorcida da própria religião. O que aparece aos olhos das cristãs e cristãos é que a Igreja, em matéria de moral sexual, parece basear-se num temor e em certo pressuposto de que o sexo é mau, ainda que inevitável para a procriação e, por isso, não há outro remédio senão tolerá-lo e mantê-lo bem de acordo com a dita finalidade.

Então, será que no pensamento da Igreja o sexo é só

para a reprodução? Que fazer quando as mulheres ou os casais quiserem ter poucos filhos ou nenhum filho? Temos que pensar sobre isso. Se estamos falando de sexualidade como uma energia positiva, dada por Deus, para vivermos em plenitude, necessariamente temos que falar de sexo mas não, obrigatoriamente, de procriação.

É inegável que a sexualidade hoje tem um sentido muito mais amplo que sexo, havendo possibilidade de diferenciar um e outro. Com o avanço das tecnologias reprodutivas, a sexualidade ganhou enorme autonomia. A concepção tanto pode ser inibida quanto pode ser artificialmente produzida. A reprodução pode até acontecer na ausência da atividade sexual.

Para nós mulheres, é importante ter presente nossas próprias histórias e de nossas companheiras. É importante dar-nos conta de que nossos corpos, nós mesmas, somos agentes do amor; que a sexualidade é integrante natural de um relacionamento de reciprocidade e tarefa de co-responsabilidade, tanto do homem quanto da mulher. A sexualidade é uma qualidade dos indivíduos e de suas relações mútuas.

Algumas mulheres bíblicas fizeram uma experiência muito positiva de vivência de sua sexualidade e eroticidade. Judite é uma dessas mulheres.

Judite era uma mulher de fé, viúva, jovem e sábia. Era possuidora de grande beleza e capacidade de sedução ao ponto de despertar desejo e admiração nos soldados e oficiais inimigos de seu povo.

Ela viveu num momento em que a cidade estava cercada, faltava água e comida, o povo já estava quase se entregando aos inimigos, o exército assírio. Judite então fez um plano, arriscou sua vida e decidiu colocar seus encantos femininos e sua riqueza a serviço da causa do seu povo que estava ameaçado. Judite não se intimidou, colocou roupa de festa, perfume no rosto, penteou os cabelos e colocou turbante, sandália nos pés, colares, braceletes, anéis e brincos, então seduziu Holofernes, general do exército inimigo e o matou.

As mulheres são agentes morais. Essa afirmação da teóloga Mary Hunt quer dizer que as mulheres, através de suas experiências concretas, são capazes de revelar e construir os mais profundos valores e significados da experiência humana, são capazes de construir uma nova ética libertadora.

### **O que deve ficar desse encontro?**

- Sexualidade é uma dimensão da vida que nos ajuda a viver em plenitude.
- Sexualidade não está, necessariamente, vinculada à procriação.
- A experiência das mulheres é ponto de partida para a elaboração de nova ética.

# 4° Encontro: O conflito de viver a sexualidade em plenitude

*“Tudo o que move é sagrado  
E remove as montanhas  
Com todo cuidado, meu amor...”  
("Amor de índio" - Beto Guedes)*

## Objetivo do encontro

- Informar sobre os métodos contraceptivos.
- Tomar conhecimento da posição da Igreja.
- Refletir sobre o cotidiano da vida das mulheres.



1. **Apresentação das participantes** (se for o caso)
2. **Exercício de relaxamento.**
3. **Recordar o encontro anterior**
4. **A coordenadora prepara um saco contendo** todos os métodos contraceptivos. O grupo deve estar sentado em forma de círculo. Através da brincadeira “batata quente” o saco vai passando na roda, de mão em mão. Quando “queimar”, a pessoa retira de dentro do saco algum objeto. Deverá falar o que sabe a respeito daquele método. A coordenadora deverá complementar e dar os devidos esclarecimentos a respeito de cada método (poderá usar apostila fotocopiada com informações sobre cada método).

### **Material necessário**

- DIU.
- Espermicida
- Diafragma
- Camisinha feminina
- Preservativo (ou condon ou camisinha masculina)
- Injetável
- Comprimidos (pílula)

### **Cartões:**

- Temperatura basal
  - Método Billings ou Muco Cervical
  - Coito interrompido
  - Tabela
  - Laqueadura
  - Vasectomia
5. **É oportuno que a coordenadora também utilize** uma dinâmica com as DSTs (doenças sexualmente transmissíveis), uma vez que estas só podem ser evitadas através do método adequado:  
Distribuir cartões coloridos:
- Cada participante deverá escrever uma mensagem

para escolher uma participante do grupo e enviar uma mensagem. As mensagens devem ser trocadas.

- A coordenadora explica que cada participante que recebeu o cartão deve identificar a cor que corresponde a uma DST. Cada participante “era” portadora de uma DST e transmitiu ao entregar o cartão. Refletir sobre isso.

## **6. Conversa com as mulheres**

É muito importante estarmos informadas a respeito de todos os métodos anticoncepcionais: como funcionam, quais as vantagens e desvantagens, as contra-indicações, onde encontrá-los... Precisamos disso para usá-los bem e não correremos o risco de uma gravidez inesperada ou de contrairmos uma doença sexualmente transmissível (DST). É verdade que a Igreja orienta-nos no sentido de usar apenas o que ela chama de “método natural”. De acordo com a moral sexual católica todos os outros métodos são considerados não apropriados .mas nós sabemos que a maioria de católicas e católicos não segue o ensinamento da Igreja em questões de sexualidade e reprodução.

A Igreja, por muito tempo, ensinou que a anticoncepção era má para os casais. Seu interesse em defender apenas o método natural tinha fins religiosos e morais. Seu propósito não era nem médico, nem social ou econômico, nem de saúde pública ou de justiça social. Não importava se uma pessoa pudesse contrair uma doença, ou se uma mulher pudesse ter uma gravidez inesperada. O que importava é que os casais obtivessem a graça e a virtude através da mortificação da carne em termos sexuais.

Ao apontar o “método natural” como o único contraceptivo aceito, está-se afirmando o voto de castidade para os casados, conforme a Encíclica Casti Connubii (1930). Defender a abstinência sexual prolongada pode ser uma forma de negar a sexualidade como uma prática independente da reprodução, reduzindo-a a alguns dias do calendário.

O que nos revela a experiência humana? É possível mulheres e homens viverem sua sexualidade em plenitude dessa forma?

Que fazer diante do conflito com o qual convivemos? Mesmo que seguíssemos a orientação da Igreja não estaríamos livres de contrairmos uma doença. Como viver nossa sexualidade em plenitude?

Ainda que a Igreja ensine que o “método natural” é o único moralmente válido, ela nunca tornou essa afirmação um dogma de fé. Portanto, podemos acreditar que o uso de outros métodos contraceptivos seja moralmente válido e concordar com os 400 teólogos e teólogas europeus que em 1989, na “Declaración de Colônia”, escreveram: “a dignidade da consciência consiste não só na obediência, mas também, e sobretudo, na responsabilidade”.

### **O que deve ficar desse encontro?**

- Sexualidade vivida em plenitude exige segurança, bem estar e tranquilidade.
- Os métodos contraceptivos existem para ajudar as pessoas a viverem bem sua sexualidade.
- Em tempos de AIDS todas temos que nos prevenir.

# 5º Encontro: O SAGRADO DIREITO DE DECIDIR

*“Cada um de nós compõe a sua história  
E cada ser em si carrega o dom de ser capaz  
E ser feliz”  
(Tocando em Frente” - Almir Sater)*

## **Objetivo do encontro**

- Refletir sobre o aborto.
- Esclarecer o ensinamento da Igreja.
- Perceber medos e preconceitos.
- Despertar a compreensão e solidariedade para com as mulheres que decidem fazer aborto.

1. **Apresentação das participantes** (se for o caso)
2. **Dinâmica de entrosamento**
3. **Recordar o encontro anterior**
4. **A coordenadora do grupo pede para que seja lido o texto “A escolha do melhor caminho”, primeira parte: Casos da Vida Real.**

Ou

5. **O grupo assiste à fita de vídeo “Prender ou Cuidar? Você escolhe o final. “.**

Após a leitura do texto ou após assistir ao filme o grupo é dividido em dois e propõe-se a formação de um tribunal. Uma voluntária torna-se a juíza e os grupos são a acusação e a defesa. O que está em julgamento é a decisão de Joana (ou de Rita).

6. **Conversa com as mulheres**

Hoje nosso encontro tem um assunto muito polêmico.

Gostaria de começar dizendo que a questão colocada não é a de se ser contra ou a favor do aborto. Em princípio, todas nós desejaríamos que nenhuma mulher precisasse recorrer a um aborto. Na verdade o aborto não existe, é abstrato. O que existe, como acabamos de ouvir ou de assistir, são mulheres, concretas, que interromperam a gravidez ou que necessitam interrompê-la.

Sim, e daí? Parece que isso não elimina a insegurança que temos para abordar esse tema. Mas é por isso mesmo que precisamos enfrentá-lo.

Como já vimos nos encontros anteriores o discurso da Igreja está distante da nossa realidade e de tantas outras mulheres que conhecemos. As normas da Igreja parecem feitas para mulheres que não existem, ou não conhecemos.

Ao longo da história, Igreja e ciência debatem a respeito de quando a vida humana começa. Esse debate continua ainda hoje. Os documentos da Igreja defendem que a vida humana existe desde o momento da concepção. Interessa entender que, ao se falar de vida humana, está se falando de pessoa humana sujeito de direitos.

Sobre isso há uma longa discussão ainda sem consenso. Alguns cientistas modernos afirmam que é no sétimo mês de gravidez que a capacidade de raciocínio, que é a característica

essencialmente humana, termina de se formar e é este o momento em que é conferido ao feto em desenvolvimento o caráter de pessoa.

Atualmente, alguns teólogos católicos admitem que nem cientistas nem a Igreja sabem exatamente quando um embrião se torna pessoa humana. Neste caso o problema recai sobre a consciência individual. O ensinamento tradicional da Igreja afirma que o critério último de decisão no campo da moral é o da consciência individual. Sabemos, então, que o ser humano não será julgado por Deus em razão do seguimento de leis ou normas de qualquer natureza, mas em razão do seguimento de sua consciência.

Isso significa que, quando é necessário tomar uma decisão difícil, temos que seguir a orientação da nossa própria consciência.

Para o Estado, o aborto situa-se no campo ético, que é o de sua competência, e não no religioso. O Estado é leigo e é nesse sentido que o nosso Código Penal permite o aborto em caso de estupro e de perigo de vida para a gestante, entendendo que não está permitindo que se matem pessoas inocentes, mas que se interrompa um processo de personificação que teve início em condições intoleráveis. Além desses dois casos, em 2012, o Supremo Tribunal Federal reconheceu o direito de antecipar o parto em caso de gravidez de feto anencéfalo, diagnosticada por profissional habilitado. Desde então, as gestantes nesta condição ficam isentas da burocracia jurídica, dos custos financeiros e emocionais e da espera que tinham de enfrentar para ter acesso ao atendimento médico. Não precisam mais apresentar autorização judicial ou qualquer autorização do Estado.

A teóloga Ivone Gebara ao refletir sobre a necessidade de uma ética feminista, propõe três pontos para reflexão.

### **1. Contextualização dos problemas como exigência ética**

A contextualização dos problemas é que faz perceber que nem sempre os princípios absolutos são decisivos nesta ou naquela situação, mas o diálogo, o esclarecimento mútuo, a compreensão recíproca é que se tomam o esteio para nossas decisões e vivências.

## 2. Diálogo em busca de respeito e consenso

Treino na escuta e na ‘opinião’ sobre a situação que nos é apresentada para podermos, aos poucos, ir assumindo posturas cada vez mais distantes do julgamento e dos dogmatismos das éticas patriarcais.

## 3. Respeito à solidão da outra com valor ético

A sociedade em que vivemos nos educa sempre a obedecemos vozes exteriores a nós e nos capacita muito pouco para escutarmos nossa própria voz, nosso corpo, nossos sentimentos, nossa ‘música’ pessoal. Uma ética feminista exige o desenvolvimento dessa dimensão de solidão como condição para sairmos dos múltiplos processos de alienação nos quais vivemos. A dimensão ética da solidão é um treino para que saibamos nos orientar em certas decisões que precisamos tomar.

### O Fruto do Ventre Fala

*Por mim se preocupam todos - Igreja, Estado, médicos e juizes*

*É para eu crescer e me desenvolver*

*É para me divertir e nadar*

*Dentro do ventre de minha mãe durante nove meses*

*Tudo de melhor é para eu usufruir neste tempo.*

*Eles me desejam tudo de bom e do melhor,*

*Igreja, Estado, médicos e juizes me protegem*

*Eles estão atentos, cuidando de mim*

*Deus me livre se meus pais fizerem alguma coisa,*

*Quem me tocar, ou me fizer alguma coisa será castigado,*

*Minha mãe vai voar para a prisão*

*Meu pai, logo em seguida,*

*O médico que o fez tem que deixar de ser médico,*

*A parteira que o ajudou também vai ser presa*

*Eu sou um grande tesouro.*

*Por mim todos estão se preocupando,*

*Igreja, Estado, médicos e juizes - durante nove meses!*

*Mas quando os nove meses se acabam  
Então eu tenho que ver como eu vou seguir adiante,  
A tuberculose, nenhum médico vai me ajudar,  
Nada para comer, nem leite para beber,  
Nem o Estado vai me ajudar.*

*Miséria e pobreza, a Igreja vai me consolar,  
Mas com isso eu não consigo encher a minha barriga  
E matar a minha fome  
Eu não tenho nada para mastigar, nem para comer  
E aí estou diante dos juizes  
E eles também não têm nada para me ajudar.  
Cinquenta anos vividos e nada  
E ninguém se preocupou comigo  
Aí eu tive que ver como eu me arrumava,  
Durante nove meses eles estavam em volta de mim,  
Estavam me protegendo  
E aí eu digo a mim mesmo.  
isso não é uma preocupação perversa?*

*(Kurt Tucholsky - tradução de Frederico Gehring)*

### **O que deve ficar deste encontro?**

- Aborto é um método possível, dependendo da situação em que a mulher se encontra.
- O direito de decidir; o seguimento da própria consciência é critério para tomada de decisões em momento difíceis.
- Acolher e compreender a mulher que praticou aborto é sinal de amadurecimento e solidariedade.



## 6º ENCONTRO: DIFERENTES FORMAS DE SER, VIVER E AMAR

*“Pena que pena que coisa bonita, diga qual a palavra que nunca foi dita, diga qualquer maneira de amor vale aquela qualquer maneira de amor vale amar qualquer maneira de amor vale a pena qualquer maneira de amor valerá”.  
 (“Qualquer maneira vale a pena” –  
C. Veloso e M. Nascimento)*

### Objetivo do encontro

- Levar o grupo a conversar sobre homossexualidade.
- Ajudar o grupo a perceber seus preconceitos e dificuldades com o tema.
- Despertar o interesse por uma convivência natural com pessoas homossexuais.

## **1. Apresentação das participantes**

(se for o caso)

## **2. Dinâmica de entrosamento**

## **3. Recordar o encontro anterior**

## **4. A coordenadora divide o grupo e propõe um trabalho em pequenos grupos. Cada grupo conversa sobre as seguintes situações:**

- Você entra no quarto de seu filho de 17 anos e o encontra beijando seu colega da mesma idade;

Ou

- Sua filha de 20 anos lhe conta que está apaixonada por sua amiga da faculdade;

Ou

- Você ouve comentários de seus amigos a respeito de que seu filho é gay;

Ou

- Você tem um filho adolescente e percebe que ele tem tendências homossexuais;

Ou

- Seu marido, companheiro ou namorado, depois de alguns anos de convivência com você, se descobre homossexual.

## **5. Após o trabalho de grupos a coordenadora pede para que o produto da discussão seja colocado para os demais grupos.**

## **6. Conversa com as mulheres**

O comportamento sexual humano tradicionalmente tem sido dividido em duas categorias: heterossexualidade e homossexualidade. Indivíduos que se identificam como heterossexuais assumem ter relacionamentos sexuais somente com pessoas do sexo oposto; pessoas que se identificam como homossexuais assumem ter relacionamentos sexuais somente com pessoas do mesmo sexo. A homossexualidade feminina é chamada de lesbianismo. Este termo vem de uma ilha grega chamada “Lesbos”, onde Safo, uma poetisa que ensinava dança a jovens da aristocracia da época, apaixonou

se por uma delas.

No século XVII, a homossexualidade era considerada o mais torpe, sujo e desonesto pecado e havia uma séria perseguição contra os homossexuais. Naquela época, o padre jesuíta Antônio Vieira acolheu em terras jesuítas um casal gay, que fugiu da justiça episcopal de Salvador-BA, e abrigou-os num sítio vizinho à propriedade dos padres. Os Regimentos Inquisitoriais castigavam severamente quem encobrisse os praticantes do “pecado de sodomia” e mesmo assim padre Antônio Vieira manteve essa posição.

Uma diferença em relação à homossexualidade aparece no Catecismo Holandês, da Igreja Católica, publicado nos anos 60, quando apresenta o amor unissexual referido como uma alternativa eticamente aceitável de se viver uma sexualidade minoritária e desviante.

Mais recentemente, em 1967, Frei Xico, frade dominicano, declarou no jornal Brasil Urgente: “O homossexual é uma criatura que ama imensamente seus irmãos e manifesta esse amor à sua maneira...”

Em 1994, o pastor da Igreja Presbiteriana Unida, Nehemias Marien, defendeu que “o homossexualismo é uma prática de amor...Na homossexualidade se pratica o amor liberto de todas as formas de preconceitos, numa entrega plena, sem restrições. Por isso, mais puro e sincero. A Igreja não tem o direito de sonegar a bênção divina a suas almas gémeas, não necessariamente macho e fêmea, quando estas se encontram no amor...”

Numa entrevista para o Conselho Mundial de Igrejas, em 1998 na cidade do Cabo, o bispo Desmond Tutu declarou que é uma questão de justiça a defesa dos homossexuais. Recordou que os negros foram culpados por algo que não podiam mudar, a cor. Assim está acontecendo com gays e lésbicas.

Apesar dessas manifestações positivas de membros de diversas Igrejas cristãs, sabemos que a homossexualidade dificilmente é compreendida pela Igreja e pela sociedade. Várias teorias, desde o tempo de Aristóteles (400 a C.) tentaram explicar essa manifestação da sexualidade humana.

Para além de qualquer julgamento ou atitude

preconceituosa e discriminatória está o direito fundamental das pessoas de escolherem a opção sexual que mais a realizem. Também recuperamos do cristianismo o ensinamento de que o ser humano é imagem e semelhança de Deus, não por causa da sua hetero ou homossexualidade, mas por carregar dentro de si a bondade, a justiça, a solidariedade.

A prática de Jesus não se fundamenta em condenações mas no mandamento “amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Essa é a chave de leitura que nos ajuda acolher as várias formas de ser, de sentir e de viver a sexualidade como atitude autêntica.

### **O que deve ficar desse encontro?**

- Há variadas expressões da sexualidade, na humanidade.
- Sempre houve na Igreja, gente que agiu com compreensão e respeito diante da homossexualidade.
- Os(as) homossexuais também são agentes morais e capazes de elaborar uma ética a partir de sua própria experiência, que seja libertadora.

## BIBLIOGRAFIA

- AGUIRRE, L. Pérez,** Iglesias interpelada desde el cuerpo, In. Conciencia Latinoamericana,
- OLIVEIRA, Rosângela Soares de & CARNEIRO, Fernanda** (org.). CORPO: meu bem meu mal - III Seminário de Teologia e Direitos Reprodutivos: Ética e Poder, Programa Sofia: Mulher, Teologia e Cidadania, ISER, Abril/1995.
- Católicas pelo Direito de Decidir.** Aborto - Conversando a gente se entende, São Paulo, 1997.
- Católicas pelo Direito de Decidir.** Aborto: descobrindo as bases éticas para decidir com liberdade, Cadernos nQ 3, São Paulo, 1999.
- Católicas pelo Direito de Decidir.** La Anticoncepción y las Católicas, Conciencia Latinoamericana, Vol. X, n2 1, jan.-jul. 1998.
- GEBARA, Ivone.** A questão dos princípios: um debate aberto. Mandrágora Ano 4, ns 4, 1997.
- GROSSI, Miriam Pillar.** Identidade de Género e Sexualidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, n2 24.
- KISSLING, Frances.** Perspectivas católicas progresistas respecto a salud y derechos reproductivos: el desafío político de la ortodoxia. Conciencia Latinoamericana, Vol. X, n2 1, 1998.
- MOTT, Luiz.** A Igreja e a questão homossexual no Brasil. Mandrágora Ano 5, n2 , 1999.
- NAVARRO, Mercedes.** Para comprender el cuerpo de la mujer: una perspectiva bíblica y ética, Evd, 1996.
- RIBEIRO, Zilda Fernandes.** A Mulher e seu Corpo - Magistério eclesiástico e renovação da ética, Ed. Santuário, São Paulo, 1998.
- RUETHER, Rosemary R.** Sexismo e Religião: rumo a uma Teologia Feminista. Ed. Sinodal, São Leopoldo, 1993.
- TOMITA Luiza Etsuko.** Alguns pontos para reflexão no debate ético-teológico sobre a homossexualidade, Mandrágora Ano 5, n. 2, 1999.

## Dicas para realizar os Encontros

1. Os encontros devem ser agradáveis, em clima bem descontraído.
2. O conteúdo dos encontros é apenas um subsídio.  
O importante é estimular as mulheres para que falem.  
É necessário ouvir.
3. Respeitar o processo pessoal de cada mulher.
4. Os temas não precisam se esgotar num único encontro.
5. Após o último encontro, é bom fazer uma avaliação permitindo que cada mulher fale como estava antes e como está agora, após os encontros.
6. É bom convidar as mulheres para continuar os encontros com outros temas (outras cartilhas).

— change —





# PUBLICAÇÕES CDD

## 1. CADERNOS

- 13 – Serviços de Aborto Legal em hospitais públicos brasileiros (1989-2004) – Dossiê, 2006
- 14 – Desvelando a Política do Silêncio: abuso sexual de mulheres por padres no Brasil
- 15 – Violência Simbólica: a outra face das religiões, 2010

## 2. CARTILHAS

- Aborto - Conversando a gente se entende
- Maternidade - Conversando a Gente se Entende, 2ª edição ampliada, 2013

## 3. VÍDEO - DVD

- Juventude – Religião e ética sexual
- Tudo o que você queria saber sobre a legalização do aborto no Brasil e não sabia onde encontrar, 2012

## 4. RÁDIO CD

- Aborto Legal e Seguro – Exija seus Direitos, 2008
- Conversando sobre a legalização do aborto



Rua Martiniano de Carvalho, 71 - casa 11  
01321-001 Bela Vista - São Paulo - SP  
tel/fax (55) (11)3541-3476  
cddbr@uol.com.br  
www.catolicas.org.br